



As Migrações e o Clima

A descolonização que varreu a África na década de 60 permitiu uma vaga de otimismo. No entanto, esta foi de curta duração devido ao aparecimento de um novo e inesperado pressor: o clima. O longo período de baixa precipitação que culminou entre os anos de 1972 e 1975 e de 1984 e 1985 acabou por voltar a cobrir o continente com o manto de angústia.

As secas assumiram uma dimensão mais grave no Centro e no Norte do Sahel – cujo nome provém do árabe *"sahil"* e significa *"costa"*. Curiosamente, esta designação acaba por sugerir uma importante característica da região: a cada Verão, a humidade do golfo da Guiné viaja para norte como uma maré, devido às monções. São estas que trazem ao Sahel as únicas chuvas durante o ano. Estendendo-se por mais de 700km, o Sahel é a região semiárida que se estende do Senegal ao Sudão e atravessa grande parte do Norte do continente africano, separando a região húmida dos trópicos, a sul, da aridez do Saara, a norte. Esta faixa com 800km apresenta fortes contrastes climáticos, com uma precipitação média que desce de cerca de 750mm, a sul, para próximo dos 250mm, a norte.

Não é necessária uma grande alteração nas monções para deixar em perigo a região. O Sahel foi assolado por secas severas nas décadas de 10 e de 40, mas estas tornaram-se intensas no início dos anos 70 do século passado. Numa altura em que os meios de comunicação social estavam com as atenções voltadas para a África e em que o ambientalismo dava os primeiros passos, o mundo pode testemunhar o sofrimento de milhões de habitantes do Sahel. As imagens de faces encovadas e barrigas dilatadas nos principais noticiários ajudaram a criar um movimento de solidariedade. Em meados da década de 80, surgiu um novo período de seca, que alastrou para leste até à Etiópia. Desta vez, a reação mundial ainda foi mais notável. Bob Geldorf gravou o *single* coletivo *"Do They Know It's Christmas?"* com Michael Jackson, Lionel Richie e outros artistas, a que se seguiu, nos EUA, *"We Are The World"*. O primeiro concerto Live Aid realizou-se pouco depois.

Encravada entre o deserto seco e os trópicos húmidos. A região, irá sofrer grandes

variações anuais de pluviosidade. Se a variabilidade vier a aumentar muito mais, como se prevê para grande parte do planeta, os habitantes do Sahel poderão ter de enfrentar maiores desafios. A população da região está a aumentar de forma rápida – acredita-se que possa crescer de 50 para 100 milhões até 2050 -, pelo que o recurso à madeira como combustível e a pressão sobre as reservas alimentares agravarão a sua vulnerabilidade às alterações climáticas. O lago Chade é um bom exemplo para mostrar o que pode acontecer quando o clima e as alterações no uso se associam: em tempos o sexto maior lago de água doce do mundo, sofreu uma diminuição de 95% nos últimos 40 anos, não só devido às secas dos anos 70 e 80 mas também devido ao uso da sua água para irrigação intensiva.

Apesar de tudo há alguns motivos para otimismo. Embora muitos agricultores e pastores tenham sido empurrados para regiões cada vez mais periféricas, nota-se uma crescente diversidade nos modos como a terra é usada. É um sinal de resiliência numa região em que a capacidade de adaptação é essência, o que revela um maior envolvimento local nas decisões que respeitam ao desenvolvimento.

Tendo como referência o Sahel, a comunidade científica tem vindo a alertar os governos para a necessidade de planearem e estarem preparados para migrações populacionais em massa, consequência de desastres naturais e eventos meteorológicos extremos – que desalojam mais pessoas que as guerras.

As projeções elaboradas pelas equipas científicas das instituições climatológicas mais conceituadas indicam que o aumento do nível da água do mar, as ondas de calor, as secas e as inundações – eventos ligados às alterações climáticas – vão obrigar milhões de pessoas a abandonar os seus lares, sem possibilidade de nunca mais regressarem. Apesar de todos estes avisos, e de acordo com as notícias que nos vão chegando, constatamos que os governos europeus não deram a devida importância a esta “nova” realidade demográfica.

A problemática torna-se politicamente sensível numa altura em que a austeridade económica restringe a generosidade dos países e um sentimento anti-imigração vai surgindo um pouco por toda a Europa.

Clube do Ambiente da Escola Secundária/3 Prof. Dr. Flávio Pinto Resende